

EIXOS SIGNIFICANTES:
ENSAIOS PARA UM CURRÍCULO DA
ESPERANÇA NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Adriano Vieira

Capítulo 6

Tecendo nos Fios da Esperança

Ao finalizar este trabalho, quero oferecer aos leitores e às leitoras uma pequena metáfora, uma história que diga, de uma outra forma, a concepção de currículo aqui desenvolvida. Retomo as primeiras linhas, quando lhes contava da minha visita ao Chile e do contato com o povo Mapuche. Recordo o poncho que vi na vitrine do Museu Araucano de Temuco: uma manta tecida com fios que formavam desenhos que expressavam o conhecimento construído pelo povo. Cada integrante do povo, ao receber seu poncho, tinha o compromisso de continuar tecendo novos desenhos. Este fato inspirou a história que agora lhes conto.

Era uma vez, no território hoje ocupado pelo Chile, uma aldeia indígena do povo Mapuche, a aldeia se chamava Pehuenche, que quer dizer “fruto da araucária”. Os pehuenches, no passado, eram famosos pela arte de tecer ponchos. Como viviam numa região muito fria, a produção de mantas e ponchos era algo muito importante para a vida do grupo. A arte de tecer caracterizava a tribo e tornava-a participante da economia da região. O mais interessante é que os ponchos, em seus desenhos, expressavam os conhecimentos adquiridos pelos antepassados. A tarefa de quem tecia era agregar novos desenhos que expressassem os novos conhecimentos. Aos poucos, foram chegando na tribo peças de tecido importadas. Quase todas muito parecidas umas com as outras. Os desenhos não tinham nada a ver com a história dos mapuches. Como eram diferentes, bonitas e dava menos trabalho aos tecelões os chefes compraram grande quantidade destes ponchos, para que, por longo tempo, ninguém precisasse mais tecer.

No começo todos estavam alegres e contentes com a aquisição. Mas, os dias foram passando e chegou a monotonia. As pessoas se perguntavam sobre o significado dos desenhos nos ponchos. Ninguém mais sabia o que representavam, apenas descreviam o que estava desenhado. Os pehuenches não reconheciam mais, em seus ponchos, sua tradição e menos ainda sua obra no tempo presente.

No entanto, havia três deles que insistiam em tecer pequenos fios que receberam de seus antepassados. Um deles, chamado Leftraro, que significa “água veloz”, tentava tecer seus fios nos ponchos importados, ficava diferente, dava certa beleza, mas, ainda assim, não era original e nem dizia da vida de seu povo. Outra, Kinturay, que quer dizer “em busca

da flor”, já havia ajudado outra tribo a tecer seus ponchos originais e trazia muitas possibilidades para que os pehuenches voltassem a produzir seus próprios ponchos. O terceiro, chamado Mariñanco, que significa “dez águias”, tinha a preocupação de integrar, na tecelagem da lã, outros frutos e elementos da natureza, lembrando que todos os seres podem participar da obra que os homens vão criando.

Certo dia, numa manhã fria das cordilheiras andinas, os anciãos da tribo chamaram os três tecelões que ainda insistiam em querer tecer e lhes fizeram um desafio:

- Queremos ver se vocês são capazes de tecer uma manta original, que resgate os fios nobres de nossos ancestrais. Mas, é preciso ser uma manta de qualidade, não apenas mais uma manta. É preciso que outros tecelões participem. Que resgate no povo o entusiasmo e o desejo de tecer. Entregamos-lhes alguns novelos de lã nobre, vocês, entretanto, terão de buscar outras lãs para continuarem a obra.

Os três companheiros, surpresos pela confiança neles depositada, embora assustados pela responsabilidade que isso significava, assumiram o desafio e começaram a tecer. Logo que o tecido começou a ter suas primeiras figuras, os velhos sábios deram-se conta da seriedade com que os desafiados assumiam os trabalhos e da possibilidade de a obra dar certo. Enviaram ao grupo outro tecelão. Era Pangilef, que quer dizer “puma veloz”. Pangilef já fora responsável pelo comércio dos ponchos importados, embora sempre procurasse um jeito de tornar diferente os ponchos que vendia, porque não estava contente com a importação e também acreditava na importância de a tribo tecer seus ponchos.

Naqueles dias, estava chegando à aldeia Sayen, a “mulher de coração bondoso”. Ela estava muito triste porque coordenara a confecção de um novo poncho, em uma aldeia vizinha, que não agradou aos chefes. Estes lhe tiraram as ferramentas de trabalho e a expulsaram da aldeia. Ao vê-la, os tecelões a convidaram a participar da arte de tecer. Era quase uma magia. Todos os que se dispunham a tecer reencontravam dentro de si o desejo de participar, a alegria, a esperança de devolver ao seu povo a possibilidade de ser, de novo, autor desta bela obra.

A tecelagem em processo foi despertando a curiosidade de muitos aprendizes que, ao se aproximarem para conhecer este outro jeito de tecer, descobriram que a única maneira de aprender era tecendo também. Nenhum dos que se aproximavam era dispensado de tecer. Mesmo quem não tivesse fios ou agulhas era convidado a tecer, sempre se dava um jeitinho para que cada um, do seu modo, pudesse participar. Aos

poucos, cada um foi percebendo a relevância de sua participação. Cada um via, em seu empenho, a importância de contribuir com seu jeito, com suas diferenças, para a diversidade do conjunto da tecelagem que se constituía em algo ineditamente viável: emergia o valor de agregar sujeitos na construção partilhada de um bem comum.

Os desenhos que eram feitos na manta eram cada vez mais bonitos e recordavam a vida dos pehuenches. Traduziam o que, em seus interiores, cada um vivia: a esperança de serem autores desta obra que serviria para todos. Os integrantes da tribo foram se entusiasmando com a possibilidade de voltar a tecer. Em pouco tempo o grupo já contava com dezenas de tecelões. Este entusiasmo contagiava a muitos da tribo.

Aos poucos o poncho ia ficando grande e bonito por sua variação de cores, pontos, combinações de lãs... Kafukura, que quer dizer “pedra azul”, um antigo professor de ponchos artesanais desse tipo, que morava nas montanhas mais distantes, vinha com frequência auxiliar, ensinar e participar na tecelagem. Outra figura importante da tecelagem era Meliñanco, que significa “quatro águas”. Sempre vivera na aldeia, prestava serviços de construção de casas e nunca pensou que seria capaz de tecer. Costumava dizer, em tom de brincadeira, que aprendera sua profissão no Canadá, para ironizar, mostrando que não é preciso sair do lugar de convívio para aprender as coisas. Com frequência fazia pão para partilhar com os demais artesãos e, aos poucos foi aprendendo a tecer também. Assim, cada um tinha um papel muito importante nesta arte. Todos são convidados e podem tecer.

Havia também os que não acreditavam na possibilidade de voltarem a fazer ponchos, pensavam que a única solução era continuar importando os tecidos. Mesmo vendo o trabalho dos tecelões, sua animação, a alegria e o movimento na arte de tecer, sentiam-se ameaçados pela obra que estava sendo executada. Quando podiam, pegavam algum objeto cortante e cindiam alguns fios. Mas os tecelões não paravam e nem se deixavam abater pelo desprezo e a agressividade. Davam-se conta de que, mesmo entre eles, às vezes, a consciência de possuírem agulhas, para alguns servia como tentação para espetar outros. Mas, como nada passava despercebido ao grupo, logo se estabeleciam diálogos longos sobre estas coisas, assim como discutiam também as dificuldades de ir-se descobrindo capazes de tecer e retomavam o trabalho ainda com mais entusiasmo e dedicação. Davam-se conta de que o trabalho partilhado exige uma ação humanizadora, são os seres humanos que, em tecendo, vão se fazendo artífices, sujeitos do próprio mundo que é fruto desta ação. Por isso, a arte de tecer assim, está fundada no reconhecimento do outro como legítimo outro e não na competição que o nega. Desta forma, era preciso muita

humildade para reconhecer em si as contradições e coragem para partilhá-las com os demais a fim de torná-las sementes de novas ações criadoras na arte de tecer. Este espírito humanizador dava cada vez mais força e coragem aos tecelões.

Aos poucos, a manta foi se tornando tão grande e agradável de estar junto dela que a área ocupada pela tribo não foi suficiente para tecê-la. Foi estendendo-se para os Huilliches – Gente do Sul – os Lafquenchés – Gente do Mar – e os Nagches – Gente que vive no Plano. Estes povos, entusiasmados pela obra, juntavam-se ao grupo para tecer também. Traziam outros fios, outros tipos de textura, de cor, de origem, de desenho. Sentiam que o importante era resgatar o significado e o sentido do poncho para os que contribuía para sua confecção, apreciar os resultados pouco a pouco vislumbrados. Os anciãos aproximavam-se e observavam com criticidade os frutos do trabalho. Uns reconheciam antigos desenhos que nunca mais tinham visto em sua tribo. Outros percebiam os fios de lã original, perpassando todo o conjunto e participando de novos desenhos; para outros, a manta havia perdido a tradição; para outros, ainda, o poncho não devia ser tão grande, devia cobrir apenas os integrantes da tribo. O fato começou a chamar a atenção das escolas de tecelagem que existiam na redondeza. Há muito tempo, a maioria destas escolas, havia se especializado mais no comércio dos ponchos importados do que na confecção. Agora, umas queriam a ajuda destes tecelões para voltarem a ensinar seus alunos a tecer, enquanto outras preferiam menosprezar o trabalho e continuar ensinando o comércio de ponchos já prontos.

Embora respeitassem as diversas opiniões sobre a nova iniciativa, os tecelões continuavam seu trabalho. O mais importante, no entanto, não era a obra em si, mas a participação de cada um como autor da obra. O fazer, desse modo, tornava cada qual responsável pelo conjunto. A preocupação maior não era a de um tecido único, hegemônico, nem que outros repetissem o mesmo processo. Importava a relação que cada um estabelecia com o ato de fazer, o sentido que davam a seus ponchos, tapetes, toalhas e mantas. Cabe refletir: a serviço de que, ou de quem, estará a obra que se vai tecendo?

Quando os tecelões das tribos mapuches perceberam, estavam chegando tecelões de outros países: da Argentina vinha uma tribo que, ao ficar sabendo do grande poncho, colorido, alegre, onde todos podiam participar da tecelagem, vieram buscar fios de lã e aprender a tecer também. Do Brasil também surgiram interessados em tecer dessa forma. Mesmo grupos de outras culturas, de outras crenças, de regiões de calor, onde os tecidos são fininhos, vinham juntar seu jeito de tecer e seus fios à grande obra.

Todavia, esta história não tem fim. O desafio é permanente: que todos exerçam seu direito de tecer. E ainda, que a arte de tecer seja partilhada de tal modo que cada tecelão possa pensar/fazer/desfazer o seu tecer em função da qualidade do poncho a ser feito. E, se os tecelões não pararem de tecer e mostrarem a outros que é possível criar um poncho em que cada um pode contribuir com sua lã, seu jeito de tecer e sua ação criadora da arte, a manta poderá cobrir todo o planeta, aquecendo a todos, tornando tudo mais colorido, mais bonito e com a possibilidade de todos usufruírem da obra. O mesmo acontece também na educação, em que cada um se descobre tecelão no ato de tecer com os outros; a obra constitui-se em currículo da esperança no qual se aprende que o sonho é possível.

Fonte:

VIEIRA, Adriano. **Eixos Significantes:** ensaios para um currículo da esperança na escola contemporânea. Brasília: Universa: 2008. p.117-121.